

RESENHA

Geografias de Exílio

VOLPE, Miriam L. *Geografias de Exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005. 191 p.

CLÁUDIO BENITO O. FERRAZ

Professor Doutor

Departamento de Educação - FCT/UNESP

Coordenador do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas

Rua Roberto Simonsen, n. 305 - CEP 19060-900

Presidente Prudente-SP

claubenito@stetnet.com.br

Geografias de Exílio é um livro oriundo da pesquisa para a tese de doutorado da Professora Miriam Volpe, a qual foi realizada na FALE/UFMG, na Universidade de Alicante, Espanha e na Universidade da República do Uruguai. A referida professora está vinculada ao curso de Pós-graduação em Letras e ao Departamento de Letras Estrangeiras da UFJF, sendo que recebeu prêmios por seus ensaios e pesquisas realizadas.

O texto que aqui resenhamos foca a vida e a obra do famoso escritor uruguaio (mas não exclusivo desse país) Mário Benedetti; contudo, apesar de ser um trabalho na área de Letras, o que nos instigou a fazer tal resenha para uma revista de cunho geográfico foi o aspecto de grande contribuição que a pesquisa da professora Volpe traz para um enriquecimento de conceitos e abordagens geográficas, exercitando estes em sua escrita ao tentar expressar a evolução do processo criativo do artista e pensador latino-americano.

A nossa visão sobre a necessidade de estabelecer diálogos mais profundos entre a Geografia e outras áreas do conhecimento, tanto artísticos quanto científicos, fica amplamente comprovada neste ensaio, não só pelo rigor conceitual e destreza no emprego de referenciais teórico-metodológicos empregados por Volpe, mas também pelo objeto de estudo, ou seja, a obra de Benedetti, um escritor em cujo texto transborda uma Geografia vinculada aos elementos constituintes da identidade territorial das camadas sociais menos favorecidas socialmente.

Quem tiver oportunidade de ler seus livros, sejam os ensaios (*La Cultura ese Blanco Móvil*), peças para teatro (*Pedro y el Capitán*), os de contos e poemas (*El Desexílio y otras Conjeturas y Geografias*), os de críticas literárias ou políticas (*La Realidad y la Palabra*), o

romances (*La Borra del Café*), comprovará a forte presença de uma Geografia compromissada com a transformação das relações espaciais atualmente em jogo, por mais pessimista que seu texto às vezes se apresente.

A título de exemplificar a viabilidade desse diálogo, basta destacarmos que ao tentar contextualizar o pensamento e a obra de Benedetti, a autora utiliza pensadores que abordam as teorias contemporâneas dos estudos pós-colônias, o que transcende o específico do universo da crítica literária (Eduard Said, Tzvetan Todorov, Gianni Vattimo, Walter Mignolo entre outros), assim como recorre a filósofos, sociólogos e historiadores que permitem dar uma base teórica mais sustentável para entender o sentido político e ideológico do papel do intelectual, no caso Benedetti, no contexto cultural da América Latina, sendo que muitos destes são pensadores extremamente necessários para um alargamento e aprofundamento dos estudos geográficos atuais (Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Felix Guattari, Gaston Bachelard, Eric Hobsbawm, Pierre Bourdieu etc.).

O livro se apresenta dividido em quatro capítulos, um prefácio, uma conclusão e referências. No **prefácio**, a autora apresenta seu objeto de estudo e justifica a pertinência do mesmo, ou seja: "*Mário Benedetti pode ser incluído no rol dos inúmeros intelectuais, escritores e críticos latino-americanos que, empenhados em quebrar a hegemonia imperialista, re-localizar a escritura, negociar espaços de enunciação, buscaram - e buscam ainda - vias que possam cartografar geografias de resistência* (p. 13)".

No capítulo 1, intitulado **Fronteiras da escritura: entre o texto e a cidade**, a autora mostra como para entender a obra de Mário Benedetti deve-se buscar numa interação de escalas espaciais e temporais o contexto que explica sua gênese e evolução. Das políticas migratórias orquestradas pelo Estado uruguaio em fins do século XIX, passando pela crise italiana e a vinda de seu pai para plantar uva no interior, as crises administrativas do governo, os problemas familiares, o deslocamento para a capital (Montevideo), o fortalecimento de uma classe média urbana de migrantes no comércio, as desigualdades com os nativos, o contato com as modernas idéias literárias e políticas européias. Tudo isso fomentou os parâmetros estéticos, ideológicos e culturais do escritor.

No capítulo 2, **Fronteiras da nação: lugares e representações**, aborda-se a questão da formação de uma elite intelectual no Uruguai ao longo do século XX e o compromisso que os membros desta desenvolveu, de forma orgânica, seja com os interesses hegemônicos do Estado em articulação com as pressões das potências imperialistas (Inglaterra, França e EUA), seja com a chamada sociedade civil, notadamente na edificação de uma identidade nacional a partir de um território considerado tampão entre duas potências regionais (Argentina e Brasil).

Aí começa a florescer a idéia do artista e intelectual como um estranho, um exilado em seu próprio território, vivendo mais numa área de fronteira para melhor enxergar o espaço interior das nações latino-americanas.

No capítulo seguinte, denominado **Roteiros de exílio: a fronteira como lugar de partida**, o foco passa a ser o próprio deslocar do escritor a partir do recrudescimento das ditaduras militares na América Latina, o que provocou sua saída do Uruguai, depois da Argentina, depois do Peru, de Cuba, conseguindo uma melhor estabilidade espacial na Espanha. Nesse momento, o contato com as obras de Henri Lefebvre, Jacques Le Goff e Marcel Proust leva-o a abordar o sentido da memória, do cotidiano e do tempo vivenciado pelas experiências individuais como preponderantes no processo de elaboração de identidades territoriais que transcendem as fronteiras impostas pelos Estados. Eis o sentido mais profundo do termo desexílio elaborado pelo poeta.

O último capítulo é o **De volta para casa: o desexílio**, que trata do retorno ao Uruguai após o afrouxamento da ditadura militar, depois de décadas viajando e morando em outros países e do se sentir estranho no território que considerava seu. As mudanças políticas internas e na economia global, principalmente a partir dos anos 1980, levaram a um novo rearranjo administrativo do território por parte do governo, fazendo que os valores culturais e de produção de identidades passassem a ser mais cosmopolitas e sofressem profundas transformações. O perigo dessa perda de identidade com seu território leva o poeta a buscar na interação entre o corpo individual e o corpo social do conjunto territorial a possibilidade de uma unidade mais genuína e necessária. Isso não significa voltar ao passado, mas de construir um futuro a partir das condições desiguais e injustas vivenciadas no presente por cada indivíduo no interior do corpo da sociedade uruguaia e latino-americana.

É no corpo aberto a toda sua 'sensualidade' que se esboça a difícil conciliação do 'desejo ardente de prazer e vida' com o 'desejo político de uma sociedade justa e igualitária'. O corpo, fincado na concretude histórica e instrumento de defesa e ataque no embate de forças com as mais diversas forças autoritárias, vai além de si mesmo e se faz voz do vivido coletivo (p. 143).

A **Conclusão** é fruto dessa tomada de consciência do escritor uruguaio: sua experiência no exílio perdura no desexílio em seu próprio país, cobrando dele a socialização dessa experiência para com seu povo, pois este também está a perder, mas de forma inconsciente, sua identidade territorial e assumindo uma região de fronteira imprecisa entre o lugar que habita fisicamente e a mobilidade abstrata do capitalismo globalitário.

Diante disso, torna-se necessário para o intelectual e para nós, geógrafos, a elaboração de

ferramentas para que cada indivíduo possa melhor entender a sua localização em relação ao mundo que o cerca e assim possuir um maior sentido de orientação frente a volatilização dos referenciais, de maneira a melhor analisar e contextualizar a intervenção no próprio território.

Podemos encerrar esta resenha com as palavras de Benedetti citadas por Miriam Volpe (p. 149):

Assim como a pátria não é uma bandeira, nem um hino, mas a soma aproximada de nossas infâncias, nossos céus, nossos amigos, nossos mestres, nossos amores, nossas ruas, nossas cozinhas, nossas canções, nossos livros, nossa língua, nosso sol, assim também o país (e sobretudo o povo) que nos acolhe, vai nos contagiando fervores, ódios, palavras, hábitos, gestos, paisagens, tradições e rebeldias, e, chega um momento...em que nos convertemos num modesto entroncamento de culturas, esperanças e sonhos.

Recebido para publicação dia 23 de Outubro de 2006

Aceito para publicação dia 19 de Novembro de 2006